

IMPRESSÕES SOBRE O ROTEIRO "ETA QUE QUÁ"

Leve protetor solar e se prepare para o calor sem água", disseram uns amigos. Prevenime e coloquei na mala uma sunga de banho. O que era para ser seco, transformou-se em mais de mil quilômetros de áreas de nascentes, cursos d'água e cachoeiras. Como sertanejo, poderia responder com um "Eta que quá" aos que me orientaram antes da Expedição, demonstrando com ironia que a imagem produzida por eles era mentirosa. Tudo bem, o filtro para raios ultravioletas valeu a pena.

A carona que peguei na garupa de Guimarães Rosa por um dos Caminhos dos Geraes passou por regiões altas, de chapadas e pedras. De Montes Claros a Montezuma, quase na Bahia, águas brotam desses altos morros da Serra Geral. Pelo caminho dela, os oito expedicionários de meu roteiro passamos por Capitão Enéas, Barreiro da Raiz, Porteirinha, Nova Porteirinha, Montezuma, Rio Pardo de Minas, Santo Antônio do Retiro, Mato Verde, Catuti e Serranópolis de Minas.

Dez municípios, deveriam ser mais de vinte – caso tivéssemos cumprido o cronograma inicial –, mas que, apesar disso, se mostraram extremamente competentes para encantar quem vem das Minas. Os mesmos conselheiros do início do texto provavelmente pensavam no que eu poderia fazer num lugar que não tinha nada. Os menores distritos respondem à questão: "vem ver o que temos de bonito", forjavam bocas para dizer. E era mais ou menos o que a população deles falava para mim e companheiros do grupo "Eta que quá". Ouvindo-os, reiteramos o sim para o convite já aceito quando Montes Claros chamou para a Expedição.

A região visitada, do começo ao fim, é de pobreza – não miséria –, de pequenos proprietários de terras, chão que vale quase nada. Por causa disso, a pressão sobre os trabalhadores rurais é grande. Derrubar mata nativa para finalidades

diversas é forma fácil de dinheiro rápido. O produtor de Rio Pardo de Minas, Belarmino Alves Pereira, é enfático: "Quem consegue licença, corta para fazer carvão". O grande número de caminhões carregados com esse material também indica sinal de alerta para o Cerrado, ameaçado também por aqueles que nem esperam a tal autorização dita por Belarmino. "Aí, de vez em quando, têm tudo apreendido pelo IEF [Instituto Estadual de Florestas]", lamenta.

Na contramão da tristeza de Belarmino, porque quem desmata e é apreendido, comemoramos a pontualidade dos problemas ambientais do roteiro "Eta que quá". Os grandes desmatamentos estão localizados em outros pontos do Norte de Minas Gerais. Na região, exemplos de degradação foram estradas mal-feitas, erodindo e arriscando córregos de acabarem assoreados e lixo nas cachoeiras. Ou seja, casos menores frente à real ameaça de destruição da biodiversidade pelo corte de mata nativa.

E são as pequenezas dessas destruições que fazem dos municípios do roteiro impressionantes em belezas naturais. São locais de difícil acesso, com estradas ruins e quase ausência de infra-estrutura para receber visitantes, a despeito da receptividade das comunidades. "Cidade sem Coca-Cola é cidade isolada do mundo", advertiu o expedicionário fotógrafo, Franco Bubani, denotando um dos problemas para o turismo regional. Nas palavras de um dos ciclistas que participaram da Expedição, e estudante de turismo, há o atrativo turístico, mas ainda falta o produto.

É exatamente aí que os municípios deverão trabalhar para atrair visitantes e acabar de uma vez com o estigma de quem me alertou antes da viagem. Isso porque o Norte de Minas não é lugar que não tem nada, e não precisa ser conhecido, como muitos acham. Trata-se, de fato, de um lugar que precisa de políticas de turismo – que passa pela construção de infra-estrutura básica –, aliadas às de preservação do meio ambien-

1- Assessor de Imprensa da Amda, expedicionário do "Eta que quá".

te, ainda conservado em muitos pontos. E talvez tudo isso esbarre no problema da educação, que deve ser melhorada em toda região, como nos informou o secretário municipal de meio ambiente de Montes Claros, Paulo Ribeiro.

O potencial de Montezuma, por exemplo, de ser uma espécie de Rio Quente norte-mineira, com águas mornas, entre 38°C e 40°C, que brotam da terra, pode ser explorado caso haja um hotel bem cuidado. Rio Pardo de Minas pode se mostrar como produtora de cachaça mais expressiva do que Salinas. Aliás, com a criatividade e o exotismo de um produtor, como o senhor Osvaldo, que levou encanada para sua casa a aguardente que fica pronta no alambique. Serranópolis de Minas tem de se preservar para contar a história do “laço húngaro”, feito pela Coluna Prestes nas tropas governistas, passando por um talho na Serra Geral, coberto por vegetação e ostentador de cachoeiras; região não por acaso conhecida como Talhado.

E esses são apenas exemplos do que pode ser mostrado pela região que chamei de Circuito das Águas do sertão norte-mineiro. De verdade, Cambuquira, São Lourenço, Baependi, Lambari e Caxambu podem conversar direto com os municípios de “Eta que quá” para encorporem, apesar da falta de contigüidade física, o marketing turístico.

E tal marketing, publicidade, deve entrar com o produto turístico, dito pelo ciclista. Tanta área preservada em uma região pressionada pelo carvão – nas estradas, caminhões

incontáveis com florestas queimadas em suas carrocerias compõem a paisagem da Serra Geral – pode permanecer assim caso sejam criadas unidades de conservação – UCs.

Uma delas pode já aparecer como resultado da Expedição Paulo Ribeiro é quem dá a palavra: “A região do Talhado vai virar Parque Estadual. É uma área de terras devolutas, do Estado e, as que não são, têm baixo valor. Por isso, não é difícil ter uma UC com situação fundiária regularizada e com cidadãos de Serranópolis trabalhando nela”.

A posição de Paulo junta-se, em coro, com a da superintendente executiva da Associação Mineira de Defesa do Ambiente - Amda, Maria Dalce Ricas. Ao reportar a ela o que expus neste texto, a resposta foi imediata: “Tem que se criar Parques para proteger a região!” E é assim mesmo, porque somente o trabalho de fiscalização de órgãos públicos de meio ambiente não dá conta de segurar o avanço sobre a mata nativa. E enquanto a população regional ainda sofre com o problema da educação, mostrar-lhes o caminho da preservação como sinônimo de dinheiro, com uso sustentável e turismo, é boa solução. Talvez com os Parques, Riobaldo e Diadorim poderão passear, e guerrear com jagunços, com “tranqüilidade” nas páginas de Rosa, que garupa mais agradável não podia oferecer.

Fonte: Álisson Coutinho _ Assessor de Imprensa da Amda, expedicionário do “Eta que quá”.





Montezuma - Lapinha

